

I SIMPÓSIO INTERNACIONAL MÉTIS

*Artes e semânticas da
criação e da memória*



7 - 9 AGO. 2024

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas - USP
Prédio da Ciências Sociais, sala 24*

Comissão científica

Ana Claudia Duarte Rocha Marques (DA – USP)
Amanda Horta (DA – UFSCar)
Beatriz Judice Magalhães (IEB – USP)
Dé Leonel Soares (DA – USP)
Fernanda Arêas Peixoto (DA - USP)
Gabriel Guarino de Almeida (DA – USP)
Jorge Mattar Villela (DA – UFSCar)
Lucas Marques (DA – USP)
Rafael do Nascimento Cesar (DA – USP)
Renan Martins Pereira (DA – USP)
Stelio Marras (IEB – USP)
Uirá Felipe Garcia (DCS – UNIFESP)

Comissão organizadora

Ana Claudia Duarte Rocha Marques (DA – USP)
Amanda Horta (DA – UFSCar)
Beatriz Judice Magalhães (IEB – USP)
Dé Leonel Soares (DA – USP)
Fernanda Arêas Peixoto (DA – USP)
Joaquim Pereira de Almeida Neto (PPGAS – USP)
Lucas Marques (DA – USP)
Rafael do Nascimento Cesar (DA – USP)
Renan Martins Pereira (DA – USP)



O *I Simpósio Internacional Métis* (SIM) integra o Projeto Temático Fapesp *Artes e semânticas da criação e da memória* (Processo nº 2020/07886-8), dedicado a investigar as múltiplas concepções da noção de criação, explorando deliberadamente a sua polissemia e as relações que ela estabelece com a memória. Seguindo essa trilha, o I SIM visa facilitar o diálogo entre pesquisas atentas aos entrelaçamentos entre criação e memória.

Como as práticas de criar crianças, animais e plantas, as técnicas associadas aos fazeres artísticos, a luta pela retomada de territórios e o enfrentamento das mudanças climáticas convidam-nos a repensar dicotomias presentes no pensamento ocidental, como a natureza e a cultura, o dado e o construído, o sujeito e o objeto, o masculino e o feminino? A partir dessas inquietações centrais, e animado pelo desejo de transcender províncias e fronteiras disciplinares, o I SIM busca promover o encontro entre profissionais de diferentes subcampos e tradições no interior da antropologia, bem como acolher pessoas de outras áreas do saber, cujas perspectivas contribuam para uma produção de conhecimento crítica e sensível aos diversos modos de criar e habitar mundos.

Concebido a partir de quatro eixos principais – artes, ecologia, parentesco e política –, o I SIM prevê duas Conferências, uma na abertura, outra no encerramento do evento, e quatro Encontros Transversais (ET). Espera-se que cada apresentação explore, com base em exemplos etnográficos e análises teóricas, aspectos relacionados à ideia norteadora do Simpósio. Nesse sentido, é desejável o esforço de articulação entre pesquisas a princípio pertencentes a especialidades distintas, mas que possam iluminar-se mutuamente a partir de um entendimento expandido das noções de criação e memória. O caráter experimental do formato adotado, que a ideia de “encontros transversais” busca concretizar, visa não só cruzar, misturar e metamorfosear os eixos temáticos, mas também desdobrar novos interesses e perspectivas, em âmbito nacional e internacional, resultando em um evento que possa contribuir para ultrapassar fronteiras convencionais da produção de conhecimentos em antropologia.

Programa do Simpósio



07/08 (quarta-feira)

9h30 -12h30

Saudação de boas-vindas: Fernanda Arêas Peixoto (USP), Ana Claudia Marques (USP), Jorge Mattar Villela (UFSCar), Uirá Felipe Garcia (UNIFESP), Stelio Marras (USP)

Fernanda Arêas Peixoto (USP).
Métis - Linhas de um projeto coletivo

Conferência: **Natália Quiceno Toro**
(Universidad de Antioquia, Colômbia).
Bordar el Atrato. Vidas ribereñas posibles en el Pacífico Colombiano

14h30 - 18h

Encontro Transversal I – *Arte e Antropoceno*

Como arte e antropologia podem dialogar, crítica e criativamente, no contexto atual de crise ecológica planetária? Frente à emergência climática contemporânea, qual o papel da memória nos processos de criação artística, visual, estética, literária, ficcional, imaginativa e etnográfica? Formas particulares de criar e fazer arte, etnografia e política na era do Antropoceno serão objetos de debate neste ET.

Júlia Vilaça Goyatá (UFMA). O jardim de Guyodo ou a arte dos escombros no Haiti contemporâneo

Ruy Cezar Campos (UERJ). Forças da terra, infraestruturas e práticas artísticas

Guto Nóbrega (UFRJ). Outras inteligências

Moderação: **Uirá Felipe Garcia** (UNIFESP)

Programa do Simpósio



08/08 (quinta-feira)

9h30-12h30

Encontro Transversal II – *Gêneros da criação*

O que as técnicas do bordado, a escrita (auto) biográfica, o preparo de alimentos e a reativação das relações de parentesco podem dizer das formas de se criar e fazer política? Como elas interpelam noções hegemônicas de masculino e feminino corporificadas em contextos particulares? As apresentações deste ET terão como foco a relação entre criação e gênero, buscando levar a dicotomia masculino e feminino para além dos antagonismos binários que estruturaram o pensamento ocidental.

Lux Ferreira Lima (Unicamp). Em verdade, em verdade vos digo: transtornando regimes de visibilidade e representação

Thaís Fernanda Salves de Brito (UFRB-Santo Amaro). Bembé do Mercado: costura e culinária como um ato de liberdade e política

Yara de Cássia Alves (UEMG). A artesanaria do ‘assuntar’: conhecimento e memória na criação dos filhos e do parentesco em comunidades quilombolas mineiras

Moderação: **Ana Claudia Duarte Rocha Marques** (USP)

14h30 – 18h

Encontro Transversal III – *Retomada, luta e memória*

Este ET busca estabelecer um diálogo sobre os modos e meios de saber, fazer e cuidar mobilizados nas múltiplas lutas políticas, práticas emancipatórias e insurgências em defesa da vida que marcam o presente global. Como e em quais corpos e paisagens se articulam as dimensões criativas de cada um destes movimentos de resistência? Qual o lugar da memória na composição de futuros possíveis?

Ana Carneiro (UFSB). Um “nós” perturbando fronteiras: entrelaces criativos e agenciamentos políticos da cozinha na luta em defesa da Resex Marinha de Canavieiras-BA

Felipe Tuxá (UFBA). São as autodemarcações recusa? Imaginando o futuro junto à comunidade Tuxá do Rio São Francisco

Rosinalda Correia (UFTO). Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa

Moderação: **Jorge Mattar Villela** (UFSCar)

Programa do Simpósio



09/08 (sexta-feira)

9h30-12h30

Encontro Transversal IV – *Política, técnica e criação*

Técnicas de reprodução animal, de pesca artesanal e de manejo da água podem iluminar modos criativos de fazer política? Se um certo discurso dominante sempre buscou separar técnica e política, tomando-as como categorias antitéticas, o objetivo deste ET, por outro lado, é fazer com que uma se deixe contaminar etnograficamente pela outra. As etnografias apresentadas possibilitam pensar agenciamentos técnicos e políticos, por exemplo, entre criadores de gado, pescadores artesanais e quilombolas. A partir de diferentes realidades sociais, como a técnica e a política contribuem para os processos de criação de mundos?

Natacha Simei Leal (UNIVASF).
Criação, água e parentesco: trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI.

Gabriel Coutinho Barbosa (UFSC).
Escolhas e inovações (cosmo)técnicas na pesca artesanal em Santa Catarina e Rio Grande do Norte: sobre a propulsão de jangadas e canoas

Felipe Sussekind (PUC/ RJ). *Rio dos Macacos: percursos históricos e socioambientais no Horto Florestal*

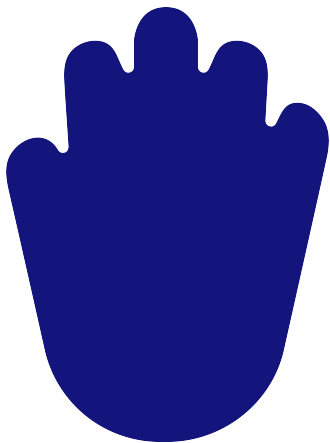
Moderação: **Stelio Marras** (USP)

14h30 - 18h

Conferência: **Luísa Reis de Castro** (Universidade do Sul da Califórnia).
Uma (futura) ecologia da história: mosquitos modificados no Brasil e além

RESUMOS

Conferências



Bordar el Atrato. Vidas ribereñas posibles en el Pacífico Colombiano

Natalia Quiceno Toro

La Sentencia T622 del 2016 que declara el río Atrato sujeto de derechos es el resultado de una articulación de autoridades étnico-territoriales en toda la cuenca del río Atrato para garantizar los derechos “a la vida, a la salud, al agua, a la seguridad alimentaria, al medioambiente sano, a la cultura y al territorio de las comunidades étnicas”. Las mujeres artesanas del grupo Choibá en la ciudad de Quibdó desde su hacer textil se ensamblan a la contingencia vital de cuidado del río desde su taller de costura. Su trabajo le ha permitido crear nuevos vínculos, redes de apoyo y contestar las prácticas racistas que las han excluido y discriminado en su situación de víctimas de destierro y despojo en el contexto del conflicto armado. Aquí presento las narrativas sobre vidas ribereñas propuestas en los textiles y sus procesos de creación para acercarme a las "ecologías del duelo" entendidas como entramados de prácticas estéticas y rituales que crean poéticas de reparación y cuidado para seguir con la vida sin dejar atrás la pérdida, habitando lo que ha sido dañado. Se trata de acercarnos a las formas como estas artesanas traen al presente la vida ribereña destruida y la reivindican como posible, como deseable a través de prácticas reparadoras tanto en el sentido de prestar atención como de recuperación.

Natalia Quiceno Toro é professora e pesquisadora do Instituto de Estudos Regionais da Universidade de Antioquia, onde atualmente coordena o grupo de pesquisa “Cultura, violência e território”. Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora do livro *Vivir sabroso. Luchas y movimientos afroatrateños en Bojayá, Chocó* (2016).

Uma (futura) ecologia da história: mosquitos modificados no Brasil e além

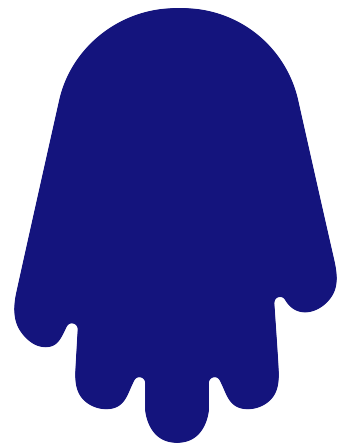
Luísa Reis de Castro

No Rio de Janeiro, foram liberados *Aedes aegypti* infectados com a bactéria *Wolbachia*, micróbio que reduz a capacidade vetorial do mosquito. Devido ao longo – e frustrado – esforço de controlar o *A. aegypti* no Brasil, a equipe do projeto *Wolbachia* caracterizava o país, especialmente o Rio, como local ideal para testar sua estratégia. Ademais, eles argumentavam que, considerando a possível expansão do inseto devido às mudanças climáticas, as ecologias de mosquitos no Brasil prenunciariam o que está por vir em outros lugares, principalmente Europa e Estados Unidos. Baseado em trabalho de campo com o projeto *Wolbachia*, analiso de que maneira cientistas e técnicos instrumentalizavam relações historicamente constituídas entre humanos, mosquitos e vírus para reimaginar possíveis futuros multiespécie. Ou seja, investigo como a “ecologia da história” do Brasil (cf. Landecker 2016) é entendida como futuro-em-construção alhures. Ao propor o conceito de uma (futura) ecologia da história, busco repensar as relações espaciotemporais entre o “Norte Global” e o “Sul Global” no contexto das transformações planetárias.

Luísa Reis de Castro é *Assistant Professor* do Departamento de Antropologia da University of Southern California (USC). Em 2021, concluiu seu doutorado em História, Antropologia, e Ciência, Tecnologia e Sociedade (HASTS) no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Sua pesquisa investiga projetos tecnocientíficos no Brasil que, ao invés de combater o *Aedes aegypti*, mobilizam o inseto para lidar com os vírus que ele é conhecido por transmitir (zika, dengue, chikungunya e febre amarela). Utilizando métodos de pesquisa etnográficos e históricos, ela indaga o que esses projetos podem nos dizer sobre a geopolítica da produção de conhecimento em um mundo interdependente e desigual cada vez mais afetado pela ação humana.

RESUMOS

Encontro Transversal I
Arte e Antropoceno



O jardim de Guyodo ou a arte dos escombros no Haiti contemporâneo

Júlia Vilaça Goyatá

Esta comunicação pretende retomar um exercício analítico realizado anteriormente (Peixoto & Goyatá, 2020) no sentido de pensar o trabalho do artista haitiano Guyodo e suas esculturas realizadas com materiais de descarte, que se acumularam na capital Porto Príncipe especialmente após o terremoto de ampla magnitude que assolou o país em 2010. Tomando uma visita realizada ao espaço de criação dos *Atis Rezistans* em 2016, e recuperando um material de catálogos, vídeos e textos curatoriais sobre o grupo de artistas da qual Guyodo faz parte, pretendo pensar sua criação em relação, mas não em função, da hecatombe climática e social haitiana contemporânea. Tomando as reflexões do artista em torno de seu próprio ofício e de seu espaço de criação, segundo ele, “um jardim de artistas”, procurarei refletir sobre a criação e a destruição, a invenção e o cultivo, saindo das trilhas que veem a arte haitiana como representação da fragmentação histórica e política do país e imaginando, junto a Guyodo, os horizontes de uma arte dos escombros produtora da vida.

Júlia Vilaça Goyatá é professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), coordenadora adjunta do grupo de pesquisa MARES (Religião, arte, materialidade, espaço público: grupo de antropologia) e membra do ASA (Artes, saberes e antropologia). É autora do livro *Georges Bataille e Michel Leiris: a experiência do sagrado* (2016) e desde a graduação trabalha em pesquisas nas áreas da história e teoria antropológicas, envolvendo a interlocução entre antropologia, história e arte e a produção de objetos, arquivos e museus.

Forças da terra, infraestruturas e práticas artísticas

Ruy Cezar Campos

Práticas artísticas têm desempenhado um relevante papel nos estudos de infraestrutura, um campo em que atores de diversas disciplinas se dedicam a compreender os imaginários, materialidades, memórias, afetos e dinâmicas de poder que estão embutidos em sistemas críticos cujas operações em rede a sociedade depende. Em um presente marcado pela necessidade de adaptação dos modos de vida aos riscos que se manifestam em eventos climáticos disruptivos cada vez mais frequentes, a apresentação buscará desenvolver uma atenção crítica para os posicionamentos criativos de práticas e pesquisas artísticas que aproximam a percepção das infraestruturas com a percepção ambiental e climática.

Ruy Cezar Campos é doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado no PPG Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio de bolsa CNPq/FAPERJ. Participou de exposições como 17^o Verbo, 13^o Bienal de Havana, *Take me to the river* (Hamburger Bahnhof e online), Bienal de Arte Digital, 28^o Mostra Sesc de Arte da Juventude (premiado), 69^o Salão de Abril, Campos de Invisibilidade (Sesc Belenzinho), dentre outras.

Outras inteligências

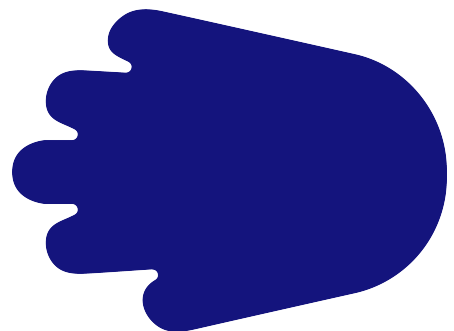
Guto Nobréga

A inteligência e memória das plantas têm sido foco de interesse científico desde o início do século passado, mas vêm ganhando notabilidade nas últimas décadas, à medida em que pesquisadores do campo da neurobiologia vegetal têm demonstrado, teórica e empiricamente, a fascinante capacidade das plantas de se comunicarem e apresentarem uma forma própria de sensibilidade e inteligência, pautada em um sistema radicular de troca de informação. Por sua vez, numa perspectiva ainda mais remota, enraizada em nossa ancestralidade, a cosmovisão dos povos indígenas nos desafia a experimentar a sabedoria das plantas mestras através de rituais xamânicos para expansão de nossa própria consciência. Entre o universo da fisiologia vegetal científica e a dimensão sutil das plantas de poder da cultura xamânica, a arte, no exercício de sua função criadora de mundos, especula sobre formas hiperorgânicas de existência, que conjugam, de maneira híbrida, a inteligência sutil das plantas à inteligência artificial das máquinas como formas de abertura ao sensível.

Guto Nóbrega é doutor em artes interativas pelo programa The Planetetary Collegium - Universidade de Plymouth - UK (2009). Pós-doutor em Arte e Tecnologia pelo PPGAV/ UnB (2019). É professor associado na Escola de Belas Artes /UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ e da UnB e atua como Vice-Decano do Centro de Letras e Artes / UFRJ. Fundou e coordena, junto com a profa. Malu Fragoso, o NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

RESUMOS

Encontro Transversal II
Gêneros da Criação



Bembé do Mercado: costura e culinária como um ato de liberdade e política

Thais Fernanda Salves de Brito

Em 2019, o IPHAN reconheceu a Bembé do Mercado como Patrimônio Imaterial do Brasil, uma celebração afro-brasileira que marca a abolição da escravatura. Realizada anualmente em Santo Amaro (BA) há 135 anos, a festa amplia a territorialidade dos rituais do candomblé. Embora aparentemente masculina, ela destaca a importância das mulheres, que desempenham papéis essenciais na sua realização, trazendo atividades domésticas para o espaço público. As comidas volitivas são fundamentais para o sucesso do evento, oferecidas em elaborados rituais e alimentando os participantes. A indumentária reflete preparação espiritual e política, combinando referências coloniais e africanas, além de contar histórias sobre a resistência à escravidão. Em resumo, alimentação, vestimenta e ritual formam um cenário intrigante de resistência política.

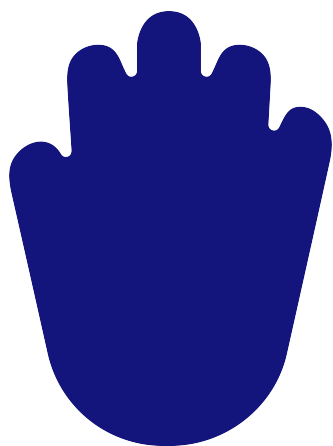
Thais Fernanda Salves de Brito é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutora em Antropologia Social (FFLCH-USP). Possui mestrado em Ciências Sociais (PUC/SP 2001). Realizou estágio pós-doutoral em Antropologia Social (FFLCH-USP). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Mesclas e do Massapê - Programa de Educação Patrimonial, onde está alocado o Projeto Bordando a Cidade. É parte do corpo de editores da Revista Trilhos.

A artesanaria do ‘assuntar’: conhecimento e memória na criação dos filhos e do parentesco em comunidades quilombolas mineiras

Yara de Cássia Alves

O propósito desta apresentação é analisar a artesanaria do *assuntar* entre os quilombolas das comunidades de Macuco, Pinheiro, Gravatá e Mata Dois, localizadas no Vale do Jequitinhonha-MG. Próximo a uma atividade de pesquisa, o *assuntar* pode ser entendido como uma prática de conhecimento exploratório, na qual as pessoas se engajam na observação e interpretação de sinais, *rastos*, movimentos, dentre outros. No campo do parentesco, *assuntar* é central na criação dos filhos e requer um olhar atento, treinado para identificar presenças na composição sanguínea, fundamentais para direcionar as maneiras como a criação será orquestrada. O foco de interesse da apresentação estará nas práticas mnemônicas que permitem o desenvolvimento dessa artesanaria, bem como seus desdobramentos.

Yara de Cássia Alves é professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Passos). Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, desenvolve pesquisas relacionadas aos povos quilombolas e coletivos negros do estado de Minas Gerais. É membra do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades (Hybris/USP) e do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP/Museu Nacional).



RESUMOS

*Encontro Transversal III
Retomada, Luta e Memória*

Um “nós” perturbando fronteiras: entrelaces criativos e agenciamentos políticos da cozinha na luta em defesa da Resex Marinha de Canavieiras-BA

Ana Carneiro

Esta fala examina a composição de um “nós” internamente heterogêneo, tensionado o equívoco que se forja no processo da escrita coletiva reunindo mulheres lideranças marisqueiras de Belmonte-BA e uma professora-etnógrafa interessada nas implicações políticas do enlaçamento entre corpo, memória e território – sendo estes entendidos como mutuamente constituídos através das práticas femininas de criação e cuidado na cozinha. A proposta de construção narrativa conjunta deu-se a partir da demanda da associação das marisqueiras, diante da universidade, por uma parceria em prol da valorização social de suas atividades, e de seu pescado, no contexto da Reserva Extrativista Marinha de Canavieiras da qual elas fazem parte. Tal co-criação textual visa a publicação na plataforma online intitulada Centro de Documentação e Memória do Sul da Bahia, criada por pesquisadores da UFSB, e pretende perturbar a divisão nós/eles, fundadora da prática etnográfica, ao questionar: que sujeito político e que relação de conhecimento podem emergir dessa escrita?

Ana Carneiro é professora adjunta do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB. Autora do livro *O povo parente dos Buracos: sistema de prosa e mexida de cozinha* (E-Papers, 2015) e coorganizadora da coletânea *Casa, corpo, terra e violência: abordagens etnográficas* (7Letras, 2022), entre outras publicações. Integra o Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), o Núcleo de Gênero e Ruralidades (GERU) e o Núcleo de Antropologia Simétrica (NanSi).

São as autodemarcações recusa? Imaginando o futuro junto à comunidade Tuxá do Rio São Francisco

Felipe Tuxá

Os agenciamentos indígenas voltados para reaver territórios expropriados são fenômenos da maior importância para a compreensão dos projetos societários desses povos. Embora cada povo possua estratégias específicas, é extremamente rico olhar analiticamente para as aproximações e distanciamentos possíveis na luta por terra. Na presente exposição, tomarei por referência o contexto da autodemarcação do povo Tuxá em Dzorabábé, conhecida por Aldeia Avó, em Rodelas na Bahia iniciada em 2017. A autodemarcação Tuxá é um processo marcante na história recente desse povo, que busca se reestabelecer nas margens do Rio São Francisco de onde foram removidos por conta de uma Hidrelétrica em 1988. Ao tecer a teia histórica que conduz a comunidade a reaver essa parcela de seu território, busco conectar passado, presente e futuro, evidenciando os sonhos que só se tornam possíveis de serem sonhados juntos ao Rio e os desejos para as gerações futuras, de corpos saudios, forjados desde as águas do Rio.

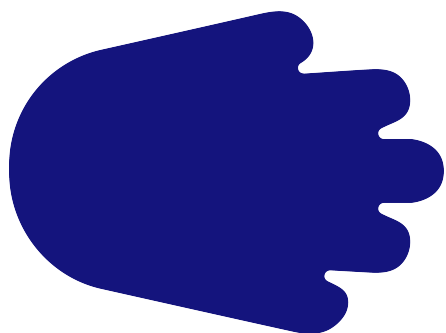
Felipe Tuxá é indígena do povo Tuxá da Aldeia Mãe, Rodelas na Bahia. Professor Adjunto no Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. Membro de Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (ABIA), pesquisador da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoinme) e integrante da Comissão de Assuntos Indígenas da Associação Brasileira de Antropologia.

Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa

Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni

A existência dos remanescentes de quilombo é atravessada por questões de raça e racismo, vulnerabilidades sociais, culturais e históricas. Com isso, trago minha história pessoal enquanto quilombola, na qual perceberão muito dos discursos registrados durante minhas pesquisas de campo em quilombos pela América. Considero que o papel social de qualquer ciência e organização deveria ser a promoção de reflexões que proporcionem mudanças sociais, políticas econômicas e comportamentais, e não é diferente com a arqueologia. Estamos longe de uma arqueologia afro-centrada, no entanto a presença de afrodescendentes e indígenas na academia tem proporcionado grandes mudanças isso também no campo da arqueologia. Acredito que a arqueologia pública traz nas suas premissas esse “recado”, também chamada por Engmann Moraes de *autoarqueologia*; conceito que, quando aplicado, auxilia a compreensão dos processos de pesquisas arqueológicas e sobretudo o reconhecimento e exercício do papel social da arqueologia. Partindo deste conceito apresento algumas reflexões construídas a partir de minhas existências como preta quilombola pesquisadora arqueóloga.

Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni é quilombola, doutora em Ciências da Religião, mestre em Arqueologia e graduada em História. Atualmente é professora (convidada) na Universidade Federal do Tocantins (UFT), pesquisadora bolsista do PDPG-Pós-Doutorado Estratégico na Pontifícia Universidade Católica Goiás (PUC- Goiás), e doutoranda em História no PPGH-UNESP. Cofundadora da RELFET, Rede Latino-Americana e Caribenha de Pesquisadores sobre Feminismos de Terreiros, integrante da NEGRARQUEO coletivo de arqueólogos Negros.



RESUMOS

*Encontro Transversal IV
Política, Técnica e Criação*

Criação, água e parentesco: trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI

Natacha Simeí Leal

Esta apresentação pretende analisar a relação entre os usos e compartilhamento de água e a produção de famílias e parentesco no semiárido piauiense, em um bairro rural chamado Lagoa de Fora – localizado na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. A partir da descrição de estratégias de compartilhamento de água em um ambiente marcado por longos períodos de estiagem e com os aportes teóricos da Antropologia Rural e de uma perspectiva alquímica da produção de parentesco (Marques e Leal: 2018), propõe uma etnografia sobre tecnologias de manejo de água (em barreiros, lagoas, poços, cacimbas, caldeirões, grotas, rios e barragens) e sua indissociável relação com a história de uma grande família, os Negreiros. Pretende mostrar a água, como substância e símbolo, que no semiárido piauiense e em especial em Lagoa de Fora, parece ser constitutiva para a produção de territorialidades, memórias e parentescos.

Natacha Simeí Leal é professora Adjunta do Colegiado em Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara. É docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Política, Cultura e Ambiente (PoCAM), na mesma instituição. Doutora e mestre em Antropologia Social pela USP, pesquisadora associada do Hybris e da Rede NuAP, trabalha na interface entre a Antropologia da Ciência, Antropologia da Política e Antropologia Econômica. É autora de *Nome ao Bois: Zebus e Zebuzeiros em uma pecuária de elite* (2016) e organizadora, com Ana Claudia Marques, de *Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios* (2018).

Escolhas e inovações (cosmo) técnicas na pesca artesanal em Santa Catarina e Rio Grande do Norte: sobre a propulsão de jangadas e canoas

Gabriel Coutinho Barbosa

O ambiente e o sistema técnico de um coletivo oferecem soluções técnicas potenciais, cuja adoção ou rejeição implica uma espécie de “escolha técnica” orientada por estrangimentos materiais e socioculturais diversos. A partir de duas situações distintas de inovação técnica na pesca artesanal – de um lado, o uso conjunto de motor-de-popa com a propulsão a vela em jangadas na Paraíba e Rio Grande do Norte; de outro, controvérsias sobre o uso ou não de motor-de-popa no lugar de remos de voga em canoas de cerco de praia em Santa Catarina –, busca-se refletir sobre a complexa articulação entre fatores políticos, sociais, éticos, econômicos, etológicos, geológicos e meteo-oceanográficos em termos de “cosmotécnicas”, conforme proposição do filósofo chinês Yuk Hui (2020).

Gabriel Coutinho Barbosa é professor associado no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na mesma instituição (PPGAS/UFSC). É Mestre (2002) e Doutor (2008) em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, com ênfase em etnologia indígena, relações interétnicas e teoria da troca. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC e do INCT CNPq Brasil Plural, dedica-se atualmente aos temas de antropologia da técnica, percepção do ambiente, antropologia da paisagem, relações multiespécies, navegação e pesca.

Rio dos Macacos: percursos históricos e socioambientais no Horto Florestal

Felipe Sussekind

O Rio dos Macacos, situado na zona sul do Rio de Janeiro, tem sua nascente nas proximidades da Mesa do Imperador, dentro do Parque Nacional da Tijuca, e desemboca na Lagoa Rodrigo de Freitas, descendo a Serra da Carioca através de trechos dos bairros do Alto da Boa Vista, Jardim Botânico e Lagoa. Com uma história que remonta à formação da cidade, o rio foi alvo de diversas intervenções humanas, refletindo a complexa interação entre as águas e a urbanização. Desde seu curso inicial, em meio à Mata Atlântica, até os trechos canalizados e retificados de seu baixo curso, suas águas foram incorporadas, ao longo do tempo, aos projetos coloniais e imperiais das monoculturas da cana-de-açúcar e do café e da fabricação de pólvora, assim como alimentaram os projetos quilombolas que re(x)istiram a eles. Também foram fonte para o empreendimento paisagístico/agroecológico que resultou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e sua utilização para o abastecimento urbano levou a um ambicioso projeto de reflorestamento no século XIX. Todas essas camadas históricas se atualizam na paisagem urbana contemporânea, refletindo-se na luta da comunidade tradicional do Horto Florestal pelo direito à moradia e pela conservação do rio, assim como pelo resgate de uma memória social que vem sendo apagada com a crescente mercantilização do espaço urbano.

Felipe Süssekind é professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde participa do Laboratório de Estudos Socioambientais e do Terranias - Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico. Possui doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e pós-doutorado em Filosofia e Questão Ambiental na PUC-Rio. É autor do livro "O Rastro da Onça: relações entre humanos e animais no Pantanal" (Editora 7 Letras, 2014).